

Cardeal Burke: “Confusão e erro” dos líderes católicos podem ser sinal do fim dos tempos



“Confusão, divisão e erro” dentro da Igreja Católica vindos dos “pastores”, até dos mais altos níveis, indicam que “podemos estar” no fim dos tempos, disse o Cardeal americano Raymond Burke em um discurso em Kentucky.

Pete Baklinski.

LifeSiteNews, 08 de agosto de 2017.

[].

Tradução. Bruno Braga.

“Confusão, divisão e erro” dentro da Igreja Católica vindos dos “pastores”, até dos mais altos níveis, indicam que

“podemos estar” no fim dos tempos, disse o Cardeal americano Raymond Burke em um discurso em Kentucky.

O Cardeal, que falou no “Church Teaches Forum” no dia 22 de julho, em Louisville [1], afirmou que, na sua opinião, os tempos “parecem ser realisticamente apocalípticos”.

“Estamos vivendo os tempos mais confusos no mundo e também na Igreja”, disse. “Em uma tal condição cultural desordenada e generalizada, existe o temor legítimo de uma confrontação global que para muitos só pode significar destruição e morte”, acrescentou. “Claramente, a atual situação do mundo não pode continuar sem conduzir à aniquilação total”.

Burke, um dos principais especialistas em Direito Canônico, sublinhou como os males agora comumente aceitos na devastada cultura Ocidental conseguiram se infiltrar na Igreja, passando dos pastores para o rebanho.

“Mas, de uma forma diabólica, a confusão e o erro que conduziram a cultura humana ao caminho da morte e da destruição também entraram dentro da Igreja, de modo que Ela se aproxima da cultura sem saber Sua própria identidade e missão, sem parecer ter a clareza e a coragem de anunciar o Evangelho da Vida e do Amor Divino à cultura radicalmente secularizada”, disse.

Ele citou como exemplo as observações recentes do Cardeal Reinhard Marx, presidente da Conferência dos Bispos da Alemanha, que disse que a legalização do “casamento” entre pessoas do mesmo sexo na Alemanha não era uma grande preocupação para a Igreja [2]. Marx disse que a Igreja deveria estar mais preocupada com o que ele chama intolerância contra pessoas que sofrem com a atração pelo mesmo sexo.

Pastores silenciosos

Burke, que é um dos quatro Cardeais que assinaram os *dubia*, pedindo ao Papa Francisco para esclarecer as ambiguidades nos

seus ensinamentos, disse que existem “muitos pastores” que já não são verdadeiramente pastores dos fiéis confiados a eles.

“Por alguma razão, muitos pastores estão em silêncio sobre a situação em que a Igreja se encontra, ou abandonaram a clareza do ensinamento da Igreja pela confusão e pelo erro que, equivocadamente, pensam abordar de forma mais efetiva o colapso da vida cristã”, disse.

Burke afirmou que para ele um sinal claro de que a Igreja está “falhando terrivelmente” na sua missão é que Ela já não enfrenta ataques hostis da mídia secular.

“Há um tempo, um Cardeal em Roma comentou sobre como é bom que a mídia secular já não ataque a Igreja como fazia ferozmente durante o pontificado de Bento XVI”, disse. “Minha resposta foi que a aprovação da mídia secular é, ao contrário, um sinal de que a Igreja está falhando terrivelmente no Seu claro e corajoso testemunho para a salvação do mundo”, afirmou.

Ele notou especificamente como a mídia secular colocou aqueles fiéis ao ensinamento católico perene contra o Papa Francisco e sua agenda “pastoral” para a Igreja.

O Cardeal Burke acusou “vozes seculares” de promoverem o Papa Francisco como um “reformador, um revolucionário, isto é, como alguém comprometido com a reforma da Igreja através da quebra da Tradição, da norma da fé (*regula fidei*) e a correspondente regra do direito (*regula iuris*)”.

“Com relação às declarações frequentes do Papa Francisco, desenvolveu-se um entendimento popular de que toda declaração do Santo Padre deve ser aceita como ensinamento papal ou magisterial. A imprensa de massa certamente queria escolher e recortar as declarações do Papa Francisco com o objetivo de demonstrar que a Igreja Católica está passando por uma revolução e mudando radicalmente o seu ensinamento sobre certas questões-chave de fé, especialmente morais”, disse.

“Idolatria da Papado”

O Cardeal observou que o Papa não colabora, escolhe regularmente “falar de forma coloquial, seja em entrevistas dadas em aviões ou para veículos de comunicação, ou em comentários espontâneos a vários grupos”.

Ele disse que os católicos que procuram permanecer fiéis a Cristo e à Igreja que Ele fundou devem aprender a discernir entre “as palavras do homem que é o Papa e as palavras do Papa como Vigário de Cristo na Terra”.

“O Papa Francisco tem escolhido falar com frequência no seu primeiro corpo, o corpo do homem que é Papa. Na verdade, até em documentos que, no passado, representaram ensinamentos mais solenes, ele declara claramente que não está oferecendo ensinamento magisterial, mas o seu próprio pensamento”, afirmou o Cardeal.

“Mas aqueles que estão acostumados com uma forma diferente de discurso papal querem tornar de alguma forma todas as suas declarações parte do Magistério. Fazê-lo é contrário à razão e ao que a Igreja sempre entendeu. É simplesmente errado e nocivo à Igreja receber toda declaração do Papa como expressão do ensinamento papal ou magisterial”, acrescentou.

Burke chamou anteriormente a controversa *Amoris Laetitia* (2016) do Papa, “não um ato do Magistério”, mas uma “reflexão pessoal do Papa” [3]. A Exortação Apostólica tem sido interpretada por vários Bispos e Cardeais como permissão aos católicos civilmente divorciados e recasados, vivendo em adultério, a receberem a Sagrada Comunhão. Tal interpretação contradiz o ensinamento católico anterior.

O Cardeal disse que fazer a distinção entre “as palavras do homem que é Papa e as palavras do Papa como Vigário de Cristo na Terra” é crucial para mostrar um “respeito definitivo” pelo Ofício Petrino e manter-se fiel aos ensinamentos perenes da fé católica.

“Sem a distinção, perderíamos facilmente o respeito pelo Papado ou seríamos levados a pensar que, se não concordamos com as opiniões pessoais do homem que é o Pontífice Romano, então devemos quebrar a comunhão com a Igreja”, disse.

Ele alertou os católicos sobre não cair em uma “idolatria do Papado”, em que toda palavra dita pelo Papa é tratada como se fosse doutrina, “mesmo que seja interpretada para ser contrária à própria palavra de Cristo, por exemplo, com relação à indissolubilidade do casamento”.

Qualquer declaração do Papa, disse Burke, deve ser entendida “no contexto do ensinamento constante e da prática da Igreja, para que a confusão e a divisão sobre o ensinamento e a prática da Igreja não entrem no Seu Corpo para o grande prejuízo das almas e da evangelização do mundo”.

“Os fiéis não são livres para seguir opiniões teológicas que contradizem a doutrina contida nas Sagradas Escrituras e na Sagrada Tradição, e confirmada pelo Magistério ordinário, mesmo que essas opiniões encontrem ampla audiência na Igreja e que não sejam corrigidas pelos Seus pastores que, como pastores, são obrigados a corrigi-las”, acrescentou.

O Cardeal advertiu os católicos angustiados com a atual situação na Igreja a não pensarem em cisma, que é separar-se da Igreja Católica comandada pelo Papa na esperança de criar uma Igreja melhor.

“Não pode haver espaço para o cisma no nosso pensar e agir, ele é sempre e em todo lugar errado”, disse.

“O cisma é fruto de um modo de pensar mundano, de pensar que a Igreja está nas nossas mãos e não nas mãos de Cristo. A Igreja do nosso tempo tem necessidade de ser purificada de qualquer tipo de pensamento mundano”, acrescentou.

Superando a crise.

Burke apresentou um número de métodos práticos com os quais o católico que se esforça para ser fiel pode responder a atual crise na Igreja. Eles devem:

- Rezar por um crescimento na fé em Nosso Senhor Jesus Cristo, “que está vivo para nós na Igreja e que nunca falha no ensino da santidade e nos guia na Igreja”, cujo “ensinamento não muda”.
- “Estudar mais atentamente os ensinamentos da fé contidos no Catecismo da Igreja Católica e estar preparado para defender aqueles ensinamentos contra qualquer falsidade que corrói a fé e, portanto, a unidade da Igreja”.
- Reunir-se para “aprofundar a fé e encorajar uns aos outros”.
- Recorrer à Santíssima Virgem Maria para procurar a sua maternal intercessão.
- Invocar com frequência ao longo do dia a intercessão de São Miguel Arcanjo.
- Rezar diariamente a São José, especialmente sob o título de “Terror dos Demônios”, pela “paz na Igreja, para a sua proteção contra todas as formas de confusão e divisão, que são sempre obra de Satanás”.
- Rezar pelo Papa, especialmente por meio da intercessão de São Pedro.
- Rezar pelos Cardeais da Igreja, que eles sejam “verdadeiro auxílio ao Santo Padre em exercício no seu Ofício”.
- “Permanecer serenos por causa da nossa fé em Cristo, que não permitirá que ‘as portas do inferno’ prevaleçam sobre a Igreja”.
- “Salvaguardar especialmente a nossa fé no Ofício Petrino e o nosso amor pelo sucessor de São Pedro, o Papa Francisco”.

O Cardeal Burke instou os católicos a não “se preocuparem se estes tempos são apocalípticos ou não, mas permanecerem fiéis, generosos e corajosos em servir a Cristo e ao Seu Corpo Místico, a Igreja”.

“Sabemos que o capítulo final da história destes tempos já está escrito. É a história da vitória de Cristo sobre o pecado e o seu fruto mais mortal, a morte eterna”, disse.

“Resta-nos escrever, com Cristo, os capítulos intermediários com a nossa fidelidade, coragem e generosidade como Seus verdadeiros colegas de trabalho, como verdadeiros soldados de Cristo. Resta-nos ser bons e fiéis servos, que esperam para abrir a porta para o Mestre na Sua Vinda”, acrescentou.

NOTAS.

[1]. Cf. [].

[2]. Cf. [].

[3]. Cf. [].